

Imprensa Universitária – oportunidades e desafios

DELFINO F. LEÃO*

PALAVRAS-CHAVE: Editoras académicas, Repositórios institucionais, Acesso livre.

KEYWORDS: academic publishers, Institutional repositories, Open access.

I. A APEES e a edição científica em Portugal

A Associação Portuguesa de Editoras do Ensino Superior – APEES foi criada em 2007, por um núcleo fundador de quatro editoras ligadas às Universidades de Coimbra, do Porto, Fernando Pessoa e Lusíada, tendo sido desenvolvida com o objetivo de promover a união e o fortalecimento das editoras do Ensino Superior, de dinamizar as publicações universitárias e de procurar soluções para os problemas específicos da imprensa académica. Juntaram-se entretanto também à APEES as editoras da Universidade de Aveiro, do Instituto Politécnico do Porto, da Universidade Aberta, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, da Universidade Autónoma de Lisboa, da Universidade Católica e da Imprensa de Ciências Sociais. Embora este grupo de onze editoras já cubra a maior parte das publicações académicas do Ensino Superior português, a APEES continua a trabalhar na integração de novos membros, de maneira a reforçar ainda mais a capacidade de afirmação da ciência feita em espaço lusófono e de estimular o diálogo com as suas congéneres internacionais, em especial do espaço ibérico e latinoamericano.

Entre as primeiras iniciativas levadas a cabo pela APEES, conta-se a construção de um portal electrónico (<http://www.apees.pt/index.html>) – cuja informação geral serviu de resto de orientação para esta breve apresentação

* Presidente da Direção da APEES (2011-2014); Diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra (leo@fl.uc.pt).

inicial – vocacionado para a prestação de informações úteis sobre as atividades da associação e também para acolher um catálogo coletivo comum capaz de otimizar as vendas das livrarias virtuais de cada editora universitária. A construção desta loja virtual comum tem enfrentado, no entanto, dificuldades bastante grandes, decorrentes não de problemas técnicos, que foram vencidos com relativa rapidez, mas antes de práticas administrativas muito restritivas. Com efeito, dado que as editoras académicas se encontram, em boa parte dos casos, ligadas a instituições públicas e sujeitas, portanto, a regras muito apertadas de gestão, torna-se na prática muito difícil encontrar soluções comuns de administração de stocks e de vendas. Por esse motivo, a promoção coletiva do catálogo das associadas da APEES tem sido feita através da WOOK (<http://www.wook.pt/>). Esta solução tem corrido bem, ajudando a dar visibilidade às publicações académicas, e traduziu-se em 2013 num volume de vendas de 3.720 livros, equivalentes a perto de 50.000 euros, em termos de valor transacionado. No entanto, a distribuição das vendas é bastante desigual, pois mais de metade corresponde a publicações de três editoras (Universidade Aberta, Imprensa da Universidade de Coimbra e Universidade Católica) e encontra-se ainda muito abaixo do que deve ser o potencial de atração das editoras académicas.

Foi ponderada já, por várias vezes, a possibilidade de a APEES vir a ter um armazém comum, que serviria de apoio logístico a uma estratégia de distribuição e de venda virtual igualmente comum. Esta hipótese seria, por certo, a melhor forma de viabilizar o desenvolvimento de uma frente coesa de afirmação nacional e internacional da publicação académica em Portugal, mas o atual contexto económico tem dificultado a sua implementação, devido ao grau de investimento que seria necessário fazer, em termos de espaço e de recursos humanos.

Numa área de atuação complementar, a APEES tem organizado edições regulares da Feira do Livro Académico, asseguradas em regime rotativo por cada um dos associados, com o objetivo de dar visibilidade ao catálogo global das editoras. Participou ainda, com o mesmo objetivo, na Feira do Livro de Coimbra (edições de 2012 e 2013). As vendas nestes contextos não são muito elevadas, no sentido de garantirem por si só a sustentabilidade financeira das iniciativas, mas têm cumprido bastante bem o propósito de agregar e promover conjuntamente o serviço de instâncias que, tradicionalmente, tendem a trabalhar de maneira muito isolada.

II. A imprensa universitária e os repositórios institucionais

Embora não haja dados exatos sobre a atividade editorial de toda a imprensa acadêmica em Portugal, a própria experiência da APEES mostra que a maioria das editoras tem um catálogo ativo relativamente baixo, em que as novidades raramente chegam a mais de cem títulos por ano, situando-se antes na casa de uma ou poucas dezenas de novas publicações. Em contrapartida, os repositórios digitais das diferentes instituições têm conhecido um grande desenvolvimento nos últimos anos, sendo usados de forma crescente como barómetro para aferir o impacto externo dessas mesmas instituições de Ensino Superior, traduzido em contabilizações relativas a descarregamentos e consultas de documentos. As vantagens dos repositórios digitais são inegáveis e não há qualquer dúvida de que têm prestado um excelente serviço às instituições e também de que continuarão a crescer. No entanto, o material carregado possui uma natureza muito díspar e não espelha, necessariamente, uma prática editorial efetiva e conduzida segundo exigentes padrões internacionais. Com efeito, além de neles ser carregada produção que, através do trabalho dessas instituições ou de outros agentes externos, corresponde a estudos cientificamente filtrados para publicação, há também um grande volume de dados que é carregado de forma, por assim dizer, automática, como acontece com dissertações e relatórios. Sendo certo que a disponibilização desses dados cumpre um importante papel na perspetiva da vida interna das instituições (e inclusive na forma como se avaliam e são avaliadas), é também inegável que a atividade editorial séria passa necessariamente por outras regras e outros canais.

Será muito difícil (para não dizer totalmente improvável) que o conjunto dos materiais carregados nos repositórios institucionais seja elegível para indexação em bases internacionais de referência como a ISI – Web of Science ou a SCOPUS. E mesmo reconhecendo que a generalização da disponibilização de conteúdos em linha traz constantes mudanças na forma de conceber a avaliação da ciência, afigura-se igualmente inegável que essa mesma evolução obrigará a introduzir sistemas de filtragem da qualidade da informação cada vez mais complexos e mais abrangentes. Por este conjunto de razões, é muito plausível que os repositórios institucionais e as editoras académicas sejam convocados para uma colaboração cada vez mais estreita, mas será igualmente provável que a sua esfera de afirmação se fará por canais em parte confluentes, mas por certo distintos na forma de tratarem a informação que disponibilizam.

III. O acesso aberto e a dimensão internacional da imprensa académica

Muito recentemente, durante a realização da Feira do Livro de Frankfurt – 2013, reuniram-se algumas editoras universitárias provenientes da América do Norte e da América do Sul, bem como da Europa, Austrália, África e Ásia, para ponderarem problemas comuns, como os desafios decorrentes de um universo editorial cada vez mais digitalizado e, por outro lado, marcado por uma grande dispersão da atividade no que diz respeito às imprensas académicas. Dessa reunião surgiu a decisão de criar a Association of University Presses, à qual aderiram entretanto cerca de três dezenas de editoras de todo o mundo, entre as quais também já a Imprensa da Universidade de Coimbra.

A criação desta associação constitui, na verdade, tanto um sintoma dos tempos conturbados que se vivem no universo editorial, como das oportunidades que dele podem decorrer. Com efeito, a generalização crescente das edições digitais veio levantar uma primeira dificuldade suplementar às editoras, pois está a colocar cada vez mais em causa os usuais meios de distribuição do livro, havendo uma dificuldade crescente em manter as mesmas redes de livrarias e de armazéns. Acrescem a este fenómeno as exigências decorrentes de decisões políticas centrais que regulamentam o financiamento da ciência feito na Europa, como o Horizonte 2020, que implicará, em termos práticos, que toda a ciência produzida, no todo ou em parte, com fundos públicos tenha de ficar em acesso livre, ou de imediato ou depois de transcorrido um período de embargo, que pode variar de acordo com as áreas do saber. A conjugação destas duas realidades vai ter um impacto enorme em toda a atividade editorial e livreira ao longo dos próximos anos, arrastando no mesmo turbilhão não apenas a Europa, mas também o resto do mundo, pois o acesso aberto terá implicações universais na forma de tratar e disponibilizar a informação.

À primeira vista, estas contingências representam um duro golpe nas editoras, cuja sustentabilidade poderá vir a ser posta seriamente em risco, ao menos naquilo que eram as suas áreas tradicionais de atuação. No entanto, este mesmo conjunto de dificuldades representa uma oportunidade de ouro para a imprensa universitária, criando condições de exceção para que a edição académica recupere um posto central – que em grande medida deixou, ao longo do séc. XX, fugir para as editoras comerciais – enquanto veículo privilegiado de produção, validação e transferência do saber.

A grande limitação das editoras académicas foi sempre a distribuição, tarefa que as editoras comerciais preencheram com clara vantagem, ocupando, ao longo desse mesmo processo de diferenciação, os postos mais importantes

no universo editorial. Contudo, o recurso a plataformas digitais elimina, sem qualquer dúvida, essa limitação, permitindo à imprensa universitária recuperar o controlo de todo o processo, com vantagens científicas e económicas. A grande dúvida – e o grande desafio também – reside em saber até que ponto as instituições ligadas à produção científica e ao Ensino Superior vão perceber as vantagens de criar sinergias e de se aliarem estrategicamente para obterem ganhos à escala global. O primeiro impulso vai ser (e está em certa medida já a ser) a cedência à tentação de cada uma construir «ex nihilo» esse trajeto que a catapulte para o impacto e para a globalização do saber. No entanto, o sucesso estará do lado daquelas que, de maneira mais rápida, clara e programática, assumirem as vantagens de trabalhar em rede e em equipa.

TÍTULO: *Imprensa Universitária – oportunidades e desafios*

RESUMO: Este texto começa por analisar a situação da publicação científica em Portugal, tendo como referência as atividades da Associação Portuguesa de Editoras do Ensino Superior (APEES); explora depois a relação entre a publicação académica e os repositórios institucionais, discutindo a maneira como se devem complementar, em conexão com o impacto das políticas de acesso livre sobre as editoras comerciais e académicas.

TITLE: *University Presses – Opportunities and Challenges*

ABSTRACT: The paper starts by analysing the situation of scientific publication in Portugal, taking as reference the activities of the Portuguese Association of Higher Education Publishers (APEES); it then explores the relation between academic publication and institutional repositories, discussing the way they should complement themselves, in connection with the impact of open access policies over commercial and academic publishers.

Data de recepção / date of submission: 02.04.2014